

TRATADO NOTAUEL

1560



RESERVADO

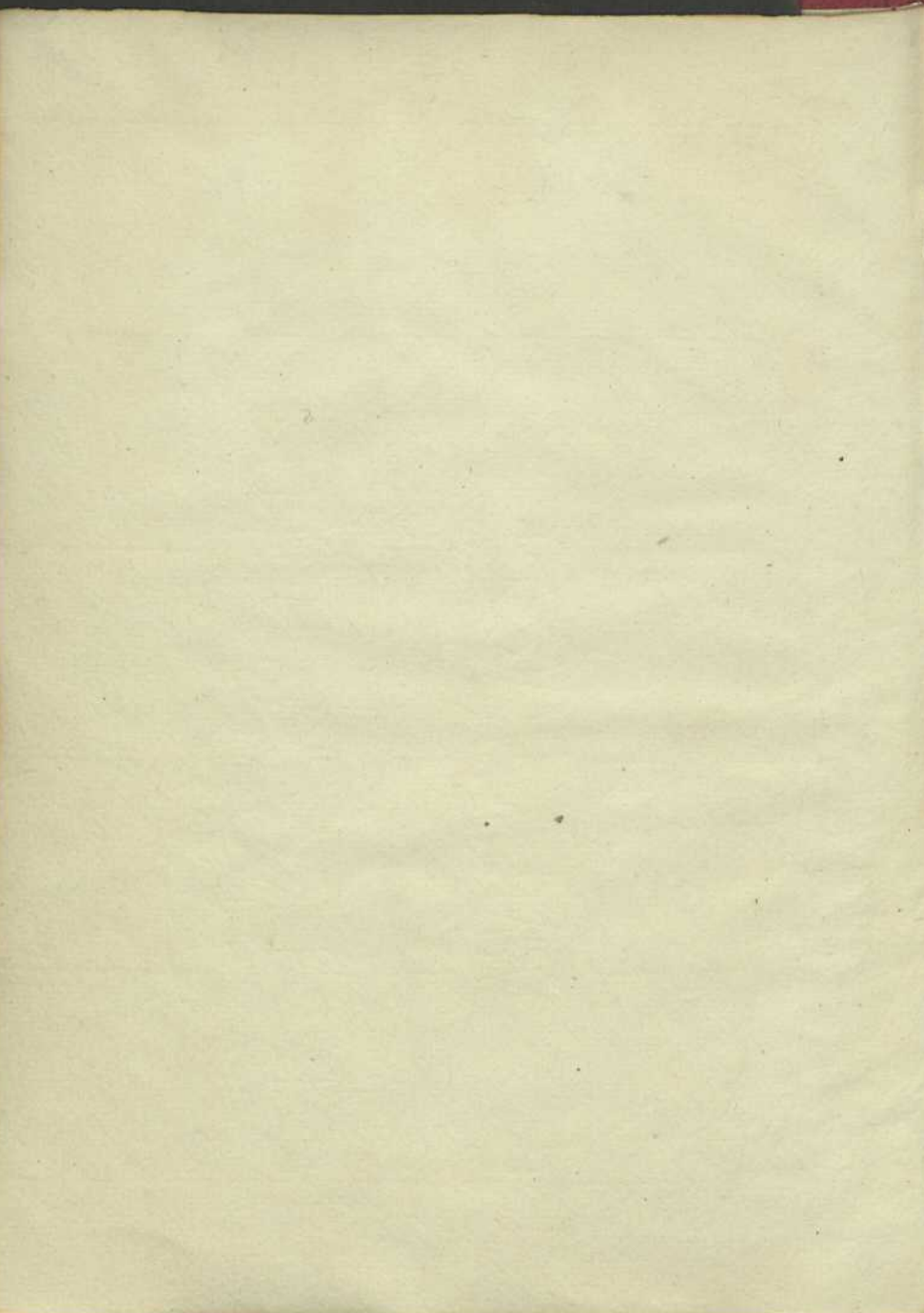
2179

B. N. L.

RESERVADO

Res.
2179

RESERVADO



RESERVADO

RESERVADO

Completo en Alcabaca, cont. 475 (numeros
297), publicado por Estero Perico en
Bolet. de la Univ. de Chile, vol. XIII (1921).

Este ex. falta de sus folios, uno u
obscuro en acto de compra.

8-XI-922



Tratado notauel

de hũa practica q̃ hũ laurador teue com
 hũ rey de Persia que se chamaua Arsa
 no. feyto per hũ Persio per nome Co
 dioruso, que naquele tempo se achou.
 Iho qual foy treladado de grego em la
 tim: e reduzido em portugues por frey
 Hieronymo da ordẽ de sam Bernardo
 do conuento de Alcobaca q̃ estando em
 Paris lhe veu ter a mão: e elle ho trou
 rea el rey dom Sancho de Portugal, a
 quem ho prologo vay dirigido.



PROLOGO.



MVY SERENISSIMO
 Príncipe. Hũa das cousas principaes q̃
 os homẽs ham de ter do conbecimento
 dos homẽs, ham nelles de ver z conbe-
 cer as inclinações de suas vidas, se sam
 conformes aas leys deuinãs z humanas. E a q̃ mais
 alongada andar dellas, nam se espere chegar ao fim q̃
 nos ensinam. Ninguem he tam estranho de si mesmo, q̃
 nam sinta os erros z payrões dos vicios em que cae:
 z porque isto he tam comũ a todos, cada hũ deve tra-
 balhar de se apartar delles ho mais que poder, nem
 cuyde ninguem que ha de ter outro acusador ante aq̃lle
 que espera sentença se nam a si mesmo. E daqui vem,
 que ho proprio nosso inimigo, que cada hũ he de si, nos
 põe tantas vezes aos trabalhos z perigos da morte,
 que nam conbecemos, nem vemos nas obras que fize-
 mos a quem nos ha de acusar. Dimonos a pos a vai-
 dade, desejando tanto a que tâtas vezes desprezamos:
 nam a tendo menos daquelles filosofos que a bem an-
 dança punham em conseruaçam della z nos deleytes
 desnecessarios do corpo. E porque vsẽ z vfemos desta
 vida politica, que he conseruar os estados z remediar
 a patria z Republica, trabalhey nas partes onde me
 achey buscar algũa maneira de esperiẽcia certa, pera q̃
 nos enclinasse a boas obras z inclinações. E posto que
 ho tempo em que isto passou seja muyto, nam leixa a
 rezão de nos enclinar a conbecermos o que nam sabe-
 mos, z o que sabemos poer mos em obra. E porque esta
 obra

obra me pareceo rezão trazela em nossa lingoagê Portugues. A qual Codio rufo escreueo, sobze hũa pratica que hũ laurador passou com hũ Rey da mesma naçam Persio, que se chamaua Arsano. Tome senhor a vôtade e desejos que tiue de ho fazer: porque do que per fora se julga, muytas vezes acontece aos Principes e Reys serem mal julgados. He necessario (pera isso fogirem) que enmendem suas vidas, porque os outros se enmendem, e vendo e lendo as cousas que ensinam ho poderam milhor julgar.

¶ Capitulo primeyro. Em que Codio rufo declara a tençam da vinda do laurador a corte del Rey Arsano.

HUm laurador que nos campos de Persia sua vida fazia, e acrescentaua sua fazenda ao pee da montanha do montê Cauçasso, onde ho rio Indos nasce. Estando hũ pouco ouçioso, como soem a fazer aq̃lles que dam algũ descanso ao corpo dos trabalhos em que viuẽ, quis ocupar ho sentido na vida do Rey de Persia, que ho seu nome era Arsano: que começãdo seu estado, occupaua mais ho tẽpo nas cousas õde aidade ho mais inclinãua, que era mais aos deleites do mundo que aos exercicios de governar a Reepublica. Isto causaua ho estar quieto, e sem trabalhos e opressões, que aos grãdes estados soem dar empedimento. E porq̃ nã podia poer em obra algũs bõs desejos q̃ tinha os seus mais familiares, he estoruauã a nam poer em execuçam as execuções, o que per nenhũ de sua casa he era reuelado. A causa era polo verem sogeito a algũs que mais junto de si trazia, q̃ a governança eram dados por officiaes. Estes traziã he as vontades ao que queriam julgar, e

lhe faziam a elle serê os erros attribuidos. Este laura-
dor com bũa vontade sã, e sem nenhũ interesse de hon-
ra que ho desinquietasse da vida q̃ os seus passados na-
quelles campos agros de seus trabalhos deixarã: de-
terminou perguntar lhe qual era a causa, que de tantos
era reprêdido hũs cõ os outro, e a elle nam (porque co-
mo soe de ser) sempre as vidas e as fazendas alheas
mais sam reprêdidas q̃ as daq̃lles proprios emmêda-
das. E cõ estes desejos, leixãdo sua casa e familia naq̃lla
governança em q̃ viuia, a bũa cidade iũto cõ Persepoli-
bo seu caminho enderêçou, õde a pessoa del Rey estaua.
E chegãdo a ella, muyto se espãtou quando vio o q̃ nũca
auia visto: porq̃ ho mais q̃ de sua habitaçã se alõgaua,
era aos vezinhos, q̃ a sua vida nos vales gastauã, e nas
ferrãs mais a elles comarcãs. E quando tãto pouo, e
homẽs ouciosos vio: algũa cousa ho tornou do preposi-
to em q̃ vinha. E nã quis dar credito, nẽ aprovar o q̃ ti-
nha ouuido: mas por si mesmo ho quis experimentar e
ver, com dar lugar algũs dias aos seus olhos de vista,
e nestes veria se era rezão tornar se, ou poer em obra a
obra a que vinha. E assi perieuerãdo nestes pensamen-
tos, lhe pareceo ho tempo descuberto pera executar seu
desejo. E que alcançou em muyto pocos dias, porq̃ as
cousas publicas, muyto trabalho ha de ter quem as fi-
zer, pera que os que as deseiam saber as nam saibam.
E vendo ho modo da vida, e ho regimento do viuer tã
desuiado do seu costume, muyto mais lhe acrescentou a
vontade de poer em obra ho proposita que trazia, e
nam quis mais os dias ouciosos passar: porq̃ ho tẽpo
toda a ocupaçam lhe hia tirando, e por elle tinha sabi-
do

do tudo o que queria. A porta do paço cometeo, onde
selhe vfram, ou conbeceram sua tençam com mais es-
candalho agasalharam do que elle esperaua que aos
de seu habito fariã. Algũs dias a porta do paço este-
ue, porque dos officiaes nã era recebido como sam aq̃l-
les que de seus trabalhos vfram a dar, z de suas fazen-
das diminuir, porque as suas querelas ante os Prin-
cipes sejam ouuidas.

¶ Capit. ij. De como ho laurador
falou a el Rey.

Quanto ho laurador mais via ho modo do viuer
da Reepubrica z da gente nobre: mais folgaua
de a ver, nam porque nisso se deleitasse, mas pola von-
tade que selhe acrecentaua de seguir sua reprehensam. E
tanto perseverou, que a obra de seu desejo teue tempo.
E sayndo el Rey hũ dia, ao seu pouo amostrandose a a-
quelles que dias auita que delles nam era visto: ho laura-
dor chegou a elle, nã menos seguro do rosto que de suas
palavras concertadas, z poendose diante delle lhe disse.
Rey Arfano, nam com menos vontade me queyras
ouuir do que meu proposito he de te falar. El Rey ven-
do que algũ grande caso poder ia ser aprouelhe de lhe
conceder o que pedia, mas porque nas palavras lhe pa-
receo que a segurança do seu rosto outro lugar pertẽcia,
lhe disse. Ho tempo deira dar a aquellas pessoas, que al-
gũs dias estarã sem ho ter, z contigo outro lugar que-
ro pera teu requerimento. Ao laurador aproue a re-
posta, porque as cousas ham mester os lugares. Dãte
el Rey se despedio com aquellas cortesias que a pratica
z a companhia de seu viuer os ensina.

Acabando el Rey de ouvir aquelles a que obrigado
estava. Como os Reys muytas vezes fazer deuiã,
no laurador lhe ficou ho cuydado, como quẽ deseja-
ua passar com elle outra parte do dia. Ficãdolhe na me-
moria os sinais de sua presença, chamou hũ daquelles
que nos retratamentos soem deitar, e lhe disse. Hũ ho-
mem veyo a mi rustico no parecer, e de hũas palauras
brandas, que me deixou em grande pensamento, porque
de suas palauras he ho abito muy desuariado. E porq̃
ho seu abito nã leixara a de impedir, que dos officiaes
nam seja conhecida a tençam com que me deseja falar e
a minha vontade de ho ouvir, queria que por toda esta
cidade ho buscasses. E porque de todo sejas certificado
e a tua diligẽcia aproueite, os sinais per que ho conhe-
ças te direy. A estatura de sua pessoa he meaã, ho vesti-
do nam de acustumado daquelles que nos campos tra-
balham pera foster as vidas. Ho rosto comprido, os
olhos na cancauidade d'elle metidos: ho nariz grande,
hũ noo crecido sobre elle. A barba comprida, e mestura-
da cõ sinais de sua idade. E ainda q̃ suas palauras erã
brãdas, os cabelos sã asperos, e hũ pouco alenãtados.

¶ Capit. iiii. De como ho page chegou
ao laurador.

Como quem desejava a vontade del Rey, ho page
tomou a tençam e sinais que lhe deu. E vendo a q̃
lhe ficava, mais desejou de comprar o que lhe mã-
dava. E em se despedindo, a el Rey disse. Se a minha
dissi

diligencia nam satisfizer ao que desejas, ante ti nam se-
ja julgado por nã tam apressurado, como seim aquelles
que com muyta diligencia danam suas obras. E achã-
do ho laurador, que polos sinaes que leuaua certificou
ser aquelle, e lhe disse. Deos te salue. E ho laurador lhe
respõdeo. E ati guarde dos perigos do paço, e dos tra-
balhos do corpo, e do cuydado da vida em que viues, e
da inueja da casa donde andas, e do pouco contentamẽ
to que as mais das vezes tẽs, e da soberba com q̃ muy-
tas vezes andas, e dos odios com que te lanças. E da
consciencia que nam ves, e do tempo tam mal gastado,
e dos gastos demasiados, e da medrança tam incerta.
E a teu Rey Arsano dee siso e entendimẽto, que conhe-
ça aquelles que com seus premios nam sam contentes,
e que com os trabalhos dos pequenos se fazem gran-
des, e que por seus proueitos propios desaproucitam
a elle, e a a Republica. E page ouindo estas palauras
ao laurador, ficou muy espantado, porque lhe mudará
os pensamentos em que viuia. E assi nesta pratica che-
gou aa porta do paço, e com hũs desejos alegres a el
Rey disse. Aquelle que com tua vontade tanto me mo-
straste, com minha diligẽcia ey achado. E el rey alegre
ho mandou vir perante si: e esperandoo soo, porque nin-
guem soubesse a tençam que na pratica primeyra lhe co-
nheceo: porque o que fosse pera publicar ou calar, se fos-
se necessario ho podesse fazer.

¶ Capit. v. De como ho laurador entrou com
el Rey. E das palauras que
com elle passou.

Estrando ho laurador pola porta do retratimento, donde el Rey Arfano ho esperaua com hũas palavras saãs, e desejos: que o que lhe dissesse lhe compriſſe, lhe disſe. Deos te ſalue Rey Arfano daõlles que ho teu estado e proueito mais deſejam pera ſi que pera tí. Se com ſaã vontade ey de ſer ouuido, por bem empregado auerey ho deſinquieta me da minha quieta vida, e os trabalhos nam acustumados que ſofri depoyſ q̃ partida minha habitaçam em que viuo: porq̃ ſe os galardões ſe merecem por algũs mercedimẽtos, os trabalhos os fazem merecer: mas como quem delles nã quer que os teus cobija lhe aja, eu te faço graça delles. Mas os que cõ noſſos trabalhos as vidas dos ocioſos ſoſtemos, muytas vezes quando aos membros damos repouſo, nas partes mais quietas deſcanſamos: ali cõ a ocioſidade do tempo, as vidas e fazẽdas albeas emmendamos, e com as vidas que aos outros damos, as noſſas pomos em obra. E porq̃ as reprehões muytas vezes cauſam deſcontentamento a aquelles que as recebem. Bem entendeste minha tençam, poys em tal lugar a quiſteſte ſaber: porque os appetitos quietos mais a ſinha ſe empriime nelles o que deſejam ſaber e ouuir.

Capit. vj. Como ho laurador primeyro quis dar conta de ſeu viuer com algũas reprehões.

Rey, ho modo e costume de mẽu viuer q̃ro que ſaibas primeyro: porq̃ o que ha de reprehender primeyro ha de ſer dos outros julgado que a ninguem reprehenda. Eu muy pouco tenho que temer aas tuas leys, porque em mim ſam conſeruadas. De maneyra, que aquelles que os teus tributos de mim recebem, nada

nada lhes deuo se sam bem leuados, ou nam a conta do
que tês recebido tu a daras. Porq̃ hũas sam as q̃ fa-
zes z outras as por onde te ham de julgar, z a medida
toda ha de ser hũa: q̃ se a meu parecer a deixasses aos
filhos z aa molher, q̃ aos trabalhos ajudam mais per-
tenciã, Nã digo que per a teu estado algũa cousa nã cõ-
tribuíamos, mas nã leuares tanto q̃ ho menos nos fiq̃.
Muytos vejo ho teu tributo leuar sem piedade, z seto
nã dizem he: porq̃ nam saibas que ho menos he teu, z
ho mais dos q̃ para isso das os officios. As tuas justi-
ças pouco tem em mi que entêder, porq̃ a minha vida
eu a tenho viuido de maneira, que mais serã aquelles q̃
della cobiza auerã, do q̃ eu da sua enueja cy dauer. Os
trabalhos z os costumes nũca os mudcy z a mi sem p̃
forã hũs. E depois q̃ em tua corte sam, mudar os ve-
jocada dia: z viraa isto, q̃ tu mudãdo tuas leys os teus
mudarã suas vidas. Mas ho tempo oucioso acupado
em cousas desnecessarias te faz, z a elles os vicios teres
z terem por costume: z daquí vê, que que mais vsa del-
les, he a vida mais apraziuvel aos príncipes, q̃a da q̃lles
em cujo estado ho cõtrairo estaa. Digo isto, porq̃ ouui
dizer a aq̃lles que os campos z agros me leixaram por
erãça, q̃ antes de ti os príncipes velhos escolhidos cra
voz de seu pouo, z delles erã governados. E certo muy
grande laude diziam que eram aa Republica.

¶ Capit. vij. Como el Rey disse ao laurador, que naquella
pratica mais com elle estiu esse.

VJo el Rey que as palauras do laurador eram tam
saãs pera o que lhe a elle compria, que detei minou
como soem a fazer os que reprehendidos sam, que as

reprehensões auoz recê ouvir. E lhe disse, que poys a sua
vida tam concertada trazia: que o que aa sua comprisse
quisesse enmêdar, e lhe quisesse dizer o que lhe parecia,
posto que os estados fossem hũdo outro tam desuaia-
rados. Molaurador lhe respondeo. Ho meu trabalho
de vir ante ti com essa tençam ho busquey: e assi te peço,
que se algũ escandalo de mim tomares, q̃ ho lugar dee
lugar a que me perdoes. Aduy acostumado he dos
Reys, e Principes nos conselhos dos grandes feyτος
crerem mais os pareceres dos ricos, e daquelles a que
por affeição estã affectoados, que dos que tam abasta-
damente viuem. E tanto ho exercitam, q̃ quasi por ley
parece ser posto: que os trabalhos, e gastos e perigos
de suas pessoas nunca a estes deixam de ser sogeitos.
Aduy pouco deffaz na grandeza (mas antes diria que
lhes acrecentaua ho estado) quererẽ os Reys e Prin-
cipes serẽ partipantes dos conselhos dos pequenos,
porque dos taes muytas vezes se acontece sayrẽ muy
grandes feyτος, e de algũs grandes sayrem muy grã-
des erros. E tu Rey pera ho teu conselho chama a
aquelles que a idade os faz apartar, onde as suas vi-
das quietas querem acabar, e os escandalos de tua
corete querem tirar. E os que nisto te desobedecerem,
mais a estes daa tua liberdade. Se as cousas por exer-
cicio do tempo oucioso quiseres vsar, deues de ler as
antigas leyturas, e se a ellas te quiseres dar muytas
acharas ati muy proueitosas, que no começo de tua
vida te ensinaram a nam errares. Ho que se dellas, e
dos valhos nã vsares, nam esperes bõs fins ac s teus

hũ

bũ pera si ha daquerir, q̃ dos seus proueltos esperã os
galdões: z a tua fazêda, nê a sua amizade veras cõcer
tada. Se da justiça se fizerê diligêtes, muytas sem pie
dades cometerã por cuydarem q̃ te aprazê cõ muytas
cruzas, q̃ de sua priuãça pouca segurãça de vida teras.
Mas te digo Arsano, nã encomêdes grãdes cousas a
pessoas q̃ muyto escãdalizaste: porq̃ a fortuna nã guar
da nenhũa ordê, q̃ se a guardasse ou fosse cõstãte nã seria
fortuna. Muitas vezes buscarã meyos, q̃ por te fazer a
ti mal, ou por a elles fazer bê per a lhe dar bo tpo cõ que
te enmendê os erros q̃ de ti tẽ recebidos. Porq̃ vemos
muytas vezes cousas publicas ser secretas, z muytas
secretas a muytos muytas vezes manifestas: z destas
muytas vezes os escãdalos se criã. Olha q̃ o q̃ tu a ti nã
podeste guardar como sera a possiuel q̃ outro to guarde,
ao q̃ te nisso for boõ amigo fiel, muyto lhe deues: z os q̃
estes nã sam, muyto mais dizê do q̃ lhe dizes. Porq̃ os
de fora creã serê de ti accitos, lhes dã a entêder, q̃ dos
teus segredos os fazes familiares. Descobzê teus peri
gos õde lhes parece q̃ mais interesse hã dauer, por õde
por bũ maõ aceito a ti, fazes muytos priuados õ teus se
gredos: cõ hũa cousa te querê cõprazer, cõ outra pessoa
fora õ ti desaprazê. Nã des a as pessoas õti tãta parte, q̃
mais sejã õti señores q̃ tu delles señor, nê cuydes q̃ por
fazeres de baixas gerações grãdes fazes ê teu estado,
ãtes das aos teus canã õ te defamarê, z pouca vôtade
de te servirê. Nã digo q̃ os seruiços por õde te mereçã
galdões nã pagues, mas olha a calidade q̃ ella tras
configo. Porq̃ os bõs merecímêtos, z a virtude he tã
boa, q̃ na qlles q̃ maiores inimigos sam, sam louuados: z
vêdo a pessoa te ensinara o q̃ lhe faras, z nã seras reprê
dido. E se yguãl seruiço duas pessoas fizerê, o peq̃no cõ

pouco cõtenta: e nã cõtêtes ho pequeno cõ muyto e ho grãde cõ pouco: q̃ se ao peq̃no fizeste grãde, ao grande q̃ lhe faras. Se te serues de pessoa baixa e cousas de muyta hõrra, q̃ nẽ elle nẽ outros esperauã: nã tẽs mais em q̃ ho satisfazer, pois a hõrra q̃ elle nã esperaua antes q̃a merecesse lhe deoste. E se lha deste por q̃ te aprazia, merce lhe nã fizeste, nã a honrra lhe seguraste, q̃ em ti nã estaa podelo lofter. Olha teu pay quanto desejou a vida, e nã lhe aproueitarã as riquezas: que do q̃ queria, nũca a fortuna lhe negaua nẽ lhe falecia. Sabedores a q̃ elle muyto se daua nam lhe faleciã: forças q̃ elle em todo tempo exercitaua, todas estas cousas lhe falecerã pera elle faller: e por isso se boa obra lhe fazes muy pouco lhe ha de durar. E assi se agraua, se merce lhe nã fazes, tendo recebido honrra como se fora verdade q̃ aquella hõrra merecia. E se depois ho quiseres desfazer por algũas reprehões, mais acrecêtas hũ inimigo: q̃ fora milhor ser prímetro confiado. Nã permitas merces cõ escãdalo do teu pouo, por q̃ a hũ soa fazes e muytos descõtêtas. E poucas vezes acõtece a quẽ nestes perigos se põe sobir per degraos, que por elles nã deça. E deste perigo Arfano estaa fora aq̃lle que a fortuna tãto bẽfaz, q̃ delle nã tiueste, nẽ tiuerã os Reys noticia. E se careceram de honrras e merces, ganharã descansos e cõtentamẽtos, cuja vida e estado eu ey por mais seguro.

¶ Capit. xj. Como ho laurador falou como se auiam de governar as vilas & cidades.

SE cuydasse q̃ em ti Arfano auia experiẽcia das cou-
sas e poder ser em toda parte, pera que por ti visses
e ordenasses nas vilas e cidades ho modo e regi-
mento do q̃ compre a Republica, nã te diria o que
nũca

nisso entendendo. Isto nam pode ser, porque nem a experiẽcia quiseste ter, nem a ella te queres dar. D q̃ has de fazer per teus ministros a elles, z elles encomẽda esta gẽte z pouo que aa tua governaça estaa. Lembrete que a natureza nam pode escusar, se bẽ nam governas todo se acabara, assi como a tua cortea outro pouo ha de ensinar a viuer polos bõs custumes, assi todalas vilas ham de ser regidas z governadas pelas principaes cidades, z do boõ regimento que tiuerem ham as outras de viuer: porque as cousas mal regidas z governadas nã esperes que ham muyto de durar. Ninguem he tam desordenado que nam folgue cõ ordem. Esta he a justiça q̃ da a cada hũ o que de dereyto lhe vẽ, esta faz cortar ho tempo oucioso aos ouciosos: pera a que nam digã de seu Rey z regedores o que nam deuem. E poys em ti se começa ho regimẽto a que es obrigado, no começo ho podes poer sem trabalho em boa ordem. El Rey lhe respondeo que maneyra se teria pera a Republica ser bẽ regida, ho laurador lhe disse. Ho modo que temos Afrasano he, que se as cousas de longe nam prouemos, quando vem os tempos que dellas temos necessidade, com muito trabalho z mayor gasto ho podemos remediar. E se assi fosse, que parte das fazendas z ho corpo trabalhasse, z ho remedio de nossos erros ao tempo podessemos encomẽdar muy grande culpa deuia ho tal de ter, z da pena nam deue ser apartado. E porq̃ os trabalhos passaram, z a emenda a outros (em que se viram) nam deram auendo de ser direyto a todos y qual, z quem ho nam soffrer nenhũa forçalhe he injusta. As tuas cidades z pouo, se com prudencia se nam prouem, mal z cõ

traba

trabalho se poderam remediar no tempo em que esperam os remedios, lugares comũs ham de ter as cidades pera as necessidades. E aq̃lles que os officios ouuerem de ter, porque cõ desuairadas gētes ham de tratar, deuem de ser muy examinadas suas vidas, e muy experimentado seu viuer: muy fora e apartado dos principalmente dos vicios carnaes, porque na tal governança com viuvas, com casadas, com virgēs nam seja ho seu gosto das vidas. A necessidade a muytos males obriga, as casadas a grandes crimes, e as viuvas a perderem suas honestidades. As virgēs suas honrras e descansos, e outras que por suas desonestidades mal remediam suas vidas, e as outras fazē sua fama perder. E as necessidades tambē fazem a estas, a estes officios viuer. E se as cidades fossẽ bẽ governadas, estes males se nam auã tanto de permitir. As que suas honestidades publicamente vendem, publicas deuiã de estar, que nos se ao nosso gado enfermidade lhe sentimos, q̃ aos outros nojo ou perjuizo possa causar, muy alõgado ho apartamos. Mas tu Rey pelo tributo que te pagã muytas, no tal tributo permites q̃ se escreuã. Se te parecer que nenhũ pode vir, quẽ te ho contrayro acõse lha polo q̃ compra a Republica, tu Arzano ho determina. E se tu ho permites ou nã: eu dirã, que quem ho mal nam auita apraz lhe que ho vsem. Deuete leir, e brar que soo este te bastaria pera por elle te succeder em todo lo males: sem duuida se pode crer, que os males q̃ succedẽ causãnos os governadores. Pois q̃ se dirã delles, se nam que ou elles saim com elles, ou nã se sabem enmẽdar: vejo q̃ aq̃lles a q̃taes officios sam encomẽdades

com

com prudencia, nem como a taes autos se requeresam
examinados, se nã por affeyçam daq̃lles que to requere-
rem: ou porque de os buscar has trabalho. **D**oyz Arsa-
no este he ho teu officio, com virtuosos gouernadores
gouernaras teu pouo, z com sabios praticares. Nã du-
uido, que nam aja muytos a que ho trabalho do estudo
nam se leiparam de dar: mas tambem creyo que algũs
seram menos pera a isso, que aquelles que menos ho tra-
balharam: que onde a natureza nam obra, a sciẽcia pon-
co ha de obrar. E se isto assi nã exercitares, pera ser Rey
cada bũ ho sabera ser com as condições que ho tu es,
se da sua vida z gouernança lhe nam ham de tomar cõ-
ta, nem elle ter a quem a dar. Se tu, que pera sempre tẽs
a liberdade de Rey, pera regeres ho nam sabes: como
queres que aquelles a quem tu das ho poder pera ho fa-
zerem ho saibam fazer, sendo elles enlegidos por muy-
tos, z tu por ninguem: que se por eleiçam ouuelle de ser,
ou tu enmendarias teu viuer, ou outro em teu lugar se-
ria posto. E se destas culpas Arsa no q̃res ser fora, isto
te compre. Que faças regimentos com homẽs sãos z
prudentes, homẽs amadores da patria, z Reepublica,
z experimentados em seu viuer z falar. E se com estes
ho regimẽto assentares bem gouernada seraa a patria
z Reepublica, z tu em descanso viuiras. **D**e pequenas
couzas nam te mouam a nellas entẽderes, busca os ho-
mẽs pera ellas, guarda te pera as grandes, porque nel-
las te conheceras, z te conheceram. **D**e que tueres mã-
dado z posto por ley, nam desmandes: depra aos goner-
nadores gouernar, mãdalhes q̃ cumprã o que per tuas
leys z regimẽtos tẽs assentado. Nã mãdes ho cõtrairo

do que mandaste e ordenaste que comprissem, porque se ho contrayromandas, nam os podes auer por bõs gouernadores, nem elles poderam ser contentes do q̃ gouernarem. Nam queyras que andem aa võtade dos que te mouem, a liberdade aos estrãgeiros nã negues: nas cidades muytas lbes deues conceder, porque a teu reyno com proueitos tornem. Muyto deuem de ser de ti olhados, que quem deixa sua patria, ainda q̃ lbe creas seu interesse: tem prudencia pera ho teu, porque todos mais assi saõ obrigados. Bem sey que de muytos se rey reprehendido, mas de poucos enmendado.

¶ Capit. xij. Como el Rey acabada a pratica mandou chamar os do conselho.

A Cabando ho laurador a pratica, el Rey mandou chamar os do seu conselho. E vindo os que elle mandou q̃ ante elle viessem, perante ho laurador estas palauras lbes disse. Este homem, que nenhũa cousa de mim tem nem quer aceitar, e de tudo he yfento. De tal maneyra me falou nas confas que a mim e aa Reepubrica pertenciam, que tanta lealdade nem palauras achey com verdade em ninguem. Muyto deuo a Deos poyg ouue por bem que este senhorio regesse com me dar tẽpo pera poder enmendar os erros em que viui, e os teinho bem conhecidos, porque isto tem a virtude, que a quem quer que se achega logo se conhece. E porque elle me pedio que aa sua vida ho leixasse tornar sem de mim querer aceytar outra cousa, o que em segredo me disse em publico a vos outros direy. Ali pedio ho laurador a el Rey q̃ ho tempo lbe nã dilataste pera ir a sua habitacam: e antes que se partisse, com esta fala se despedio.

Fala

Fala que ho laurador fez aos do
conselho.

O Nobres de sangue de virtude de conselhos verda-
deyros. Não ey por muy estranho, q̄ as cousas de co-
biça vos efforuem z façam que este nome nã seja
vosso, nẽ seguirdes a vontade daq̄lles que desejaes que
figa a vossa mais que ao que obrigados sois pelos offi-
cios, pelas merces, pelas dignidades z honrras que de
vosso Rey tendes aquiridas. E se sam com maas con-
dições com q̄ se deuem de requerer, z aos Príncipees
de as outorgar. Deueis de consentir a rezão z mereci-
mentos com que as ganhastes, que estas cousas quan-
do sam merecidas, z aos Príncipees outorgadas, grã-
des z virtuosas condições deuem ter, q̄ muyto pouco
dura a fama quando he falsa. Dayuos aa virtude, que
a fortuna a segue quando he verdadeyra. E ainda que
nos taes autos a vontade do vosso Rey auéis de seguir
quando for contrayro ho vosso parecer, ho contrayro
auéis de pubricar: po: que se por isso algũ descansõ rece-
ber, receheis ho galardam z premio da verdade: z que
por isso odio vos tenha, ante elle ba de ser louuado. Não
deixam as pessoas de fazer o que a sua nobreza inclina,
porque este he ho moor galardam que pode esperar da
fortuna viuer rico de contentamento: z contête de vsar
de virtude, mais que com muytas riquezas descõtete.
Que aproueitam as riquezas, se ham de ser possuidas
daquelles que obram o que nam deue, z q̄ tantas vezes
traz ao arrepedimêto d̄ suas obras. Que aproueitã aos
q̄ sam aceitos aos Príncipees suas privãças se bã de ser
ganha-

ganhadas cõ encobrirẽ ho por onde as ganharam : que
conhecendo suas obras temem de as publicar. Olhay
que os p̃ncipes hoimẽs sam 7 acabam ho seu tempo,
7 no tempo que a idade lhes mostra conhecerem seus
erros em que cayram na mocidade, olham que deuem
fer apartados dos q̃ seguiam. E vendo os obrar o que
deuem, seram obrigados aa conta em que os teraa. Abi
lhoz he conuersar com inimigos, que com pessoas que no
que nam deuẽ folgã de aprazer. Nam ha hí moor tor-
mento que arrependimẽto de maas obras, 7 se quereis
que os galardões de vossos merecimentos vos durẽ:
vede que nunca vistes bẽs mal ganhados que fossem bẽ
possuidos. Estes bem podeis crer serem da fortuna,
porque estes com ella andam, 7 a ella acompanham. E
esta tem muytos com que repartir, 7 pouco pera tan-
tos contentar, 7 a poucos pouco contenta. Esta assi co-
mo he mudauel, assi como he desleal: que a p̃ncipes,
nem a Reygs guarda amizade, assi os bẽs que por ella ve-
mos se os queremos conhecer, olhay ho tempo que du-
ram. E se em vida os deixa lograr (q̃ he a poucos muy-
to pouco tempo) quam pouco amor aos que esperam
de dar lhes mostra: q̃ dos m̃sinos bẽs aos mais estran-
hos faz herdeyros. Mas porque sey, que algũs dos
que aqui estais podeis estar a ella entregues: olhay po-
los presentes, 7 as deslealdades que lhe tem mostrado,
7 os passados vos lembrem. E se della nã tendes mais
certeza que esta que os outros oueram, esperay os ga-
lardões que daa. Os q̃ a guerra seguís, os trabalhos
tomay por testemunhas dos galardões. E eu diria se
ho escandalo de minhas palauras em vos outros nam
ficasse,

ficasse, que se os Príncipes e Reys tomassem os pareceres com as pessoas dos seruiços em que andaram, e andaram offercidos aos trabalhos, q̃ mais direyta andaria a regra dos galardões. Verdade he que grandes feytos sem conselho por ventura se acertaram. E todos deuem nas pessoas y guaes, y guaes galardões, porq̃ ainda que ho da guerra trabalha, a vitoria tẽ por gloria: aconselhay que os galardões se dem aos trabalhadores delles. E se a dilaçam nos negocios he por vossas causas, as necessidades a que podeis vir vos lēbrem. Mas ouni estes días que aqui estiuẽ, que se aos caualeyros, e outras pessoas que seus premios requeriã por seus trabalhos, dilataueis os despachos: que muy breues os fazeis da propria causa pera vos. E q̃ os officiaes das cidadès, que ordenados estauam per os naturaes dellas vos eram dados, e delles fazieys mercadorias aos que por elles mais dauam: sem olhar que pera os taes autos eram merecedores. De tudo isto muyto grandes culpas tendes, mas quem as outorga mayores penas merece: porque se tal governança em cada hũ estiuẽsse, que julgareis ou outorgareis aos que ao que pedem nam merecem. Cada hum seja o que julgue, que eu me contento com o que nisso entendeis. E nam quero que ho digais porque vossas vergonhas nam se descubram. Sem ley quanto vay de requerer hũa coisa a ser iuyz della: os enganos a outrem podereis mostrar, e com elles a vos mesmos defengareis. Nam creais q̃ a culpa toda poẽ ao vosso Príncipe, que o que de fora falam vos he contrayro: e os iuyzos sobre vos outros sam muy defuiados do que julgaes,

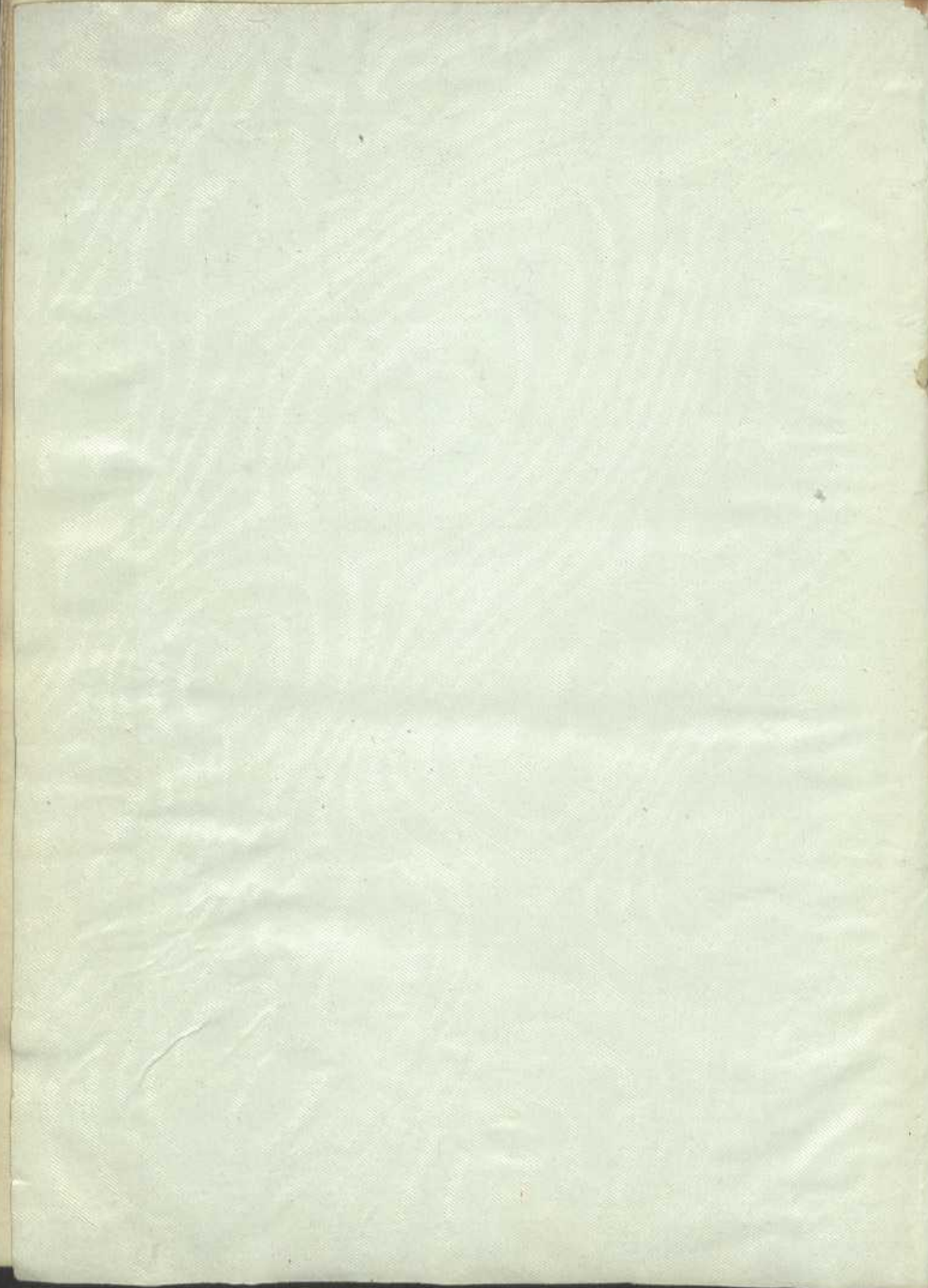
fulgaes, porque nos tempos de distribuir des os galardões, aos justos condenaes, e aos culpados berdetros dos merecimentos alheos fazeis. Que se ho Príncipe homẽs de boa inclinações tiuesse, a boas obras seriam inclinados. E certo que assi ho ouui, que as cosas que a elle soo ficauam, com mais clemencia e misericordia, com mais verdadeyra justiça, e vontade, e breuidade de tempos as determinaua. Os tempos dilatades quando vos vedes nos lugares onde publicamẽte sabeis que sabem que com vosso Rey estais: e porque estes tempos nunca vos faleçam, os negocios alõgaes. E se as pobrezas em vossas casas sentisseis, e se os descontentamentos aas portas de vossos retrainẽtos achasseis, se dos officios fosseis apartados, se das dignidades nam prouidos. Daquelles que de tudo isto carecem serieis ajudadores: mas quem todo trabalha pera aquerir pera si, das misérias muy pouco lhe daa.

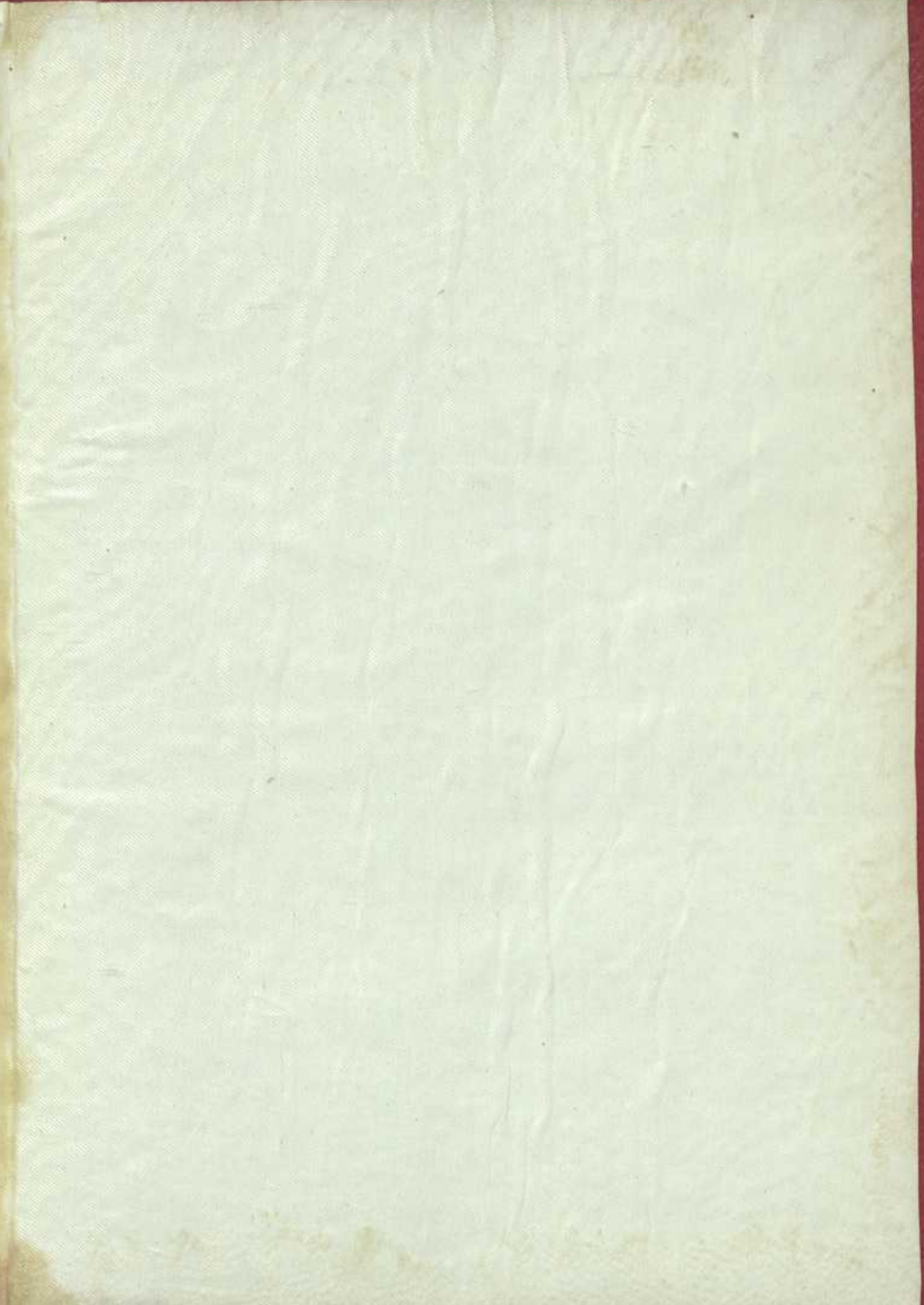
FINIS.

Foy impressã a presente obra por Ioã da Barreyra impressor da vniuersidade de Coimbra. Com licença dos deputados do sancto officio. Acabouse aos iij. dias do mes de Nouembro.

De M. D. LX.

Aa custa de Miguel Maceyra.







RES

2

B